

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São PauloClass.: YAR 01450Data: 25.01.90

Pg.: \_\_\_\_\_

## Novos moicanos

Leão Serva

130

A questão da invasão de garimpeiros na área habitada desde passado imemorial pelos índios ianomami inspira o temor de que todos os elementos do enredo sejam a repetição de uma história já vista ao longo de cinco séculos. Na nova versão, mudam os nomes dos personagens.

Até meados deste século havia índios sem contato com brancos em plena região sul do país. Já não há mais. A dizimação foi sempre uma característica do contato entre as tribos indígenas e a raça branca. Os índios perderam sempre o confronto. Perderam o estado idílico de vida, a integridade cultural, o território e, em imensa maioria dos casos, a vida.

Para evitar que a morte seja o destino inexorável da nação ianomami —e que nas próximas décadas a consciência de culpa da nação brasileira provoque infindáveis discussões sobre o que fazer com os poucos sobreviventes e onde abrigá-los em “reservas”— é preciso que a autoridade brasileira tome medidas eficazes, rápidas e vigorosas. É preciso evitar que garimpeiros —essa espécie de lúmpem da selva— matem índios para tomar por meios violentos as suas terras. É preciso impedir que a convivência dos índios com as doenças dos garimpeiros dizime o povo ianomami em epidemias de males para os quais há muito já existem remédios.

Enfim, é preciso impedir o impacto brutal de um contato destrutivo e incontrolável.

No entanto, a solução museológica como a que foi tentada com os povos das margens do rio Xingu não deve ser repetida ali. “Preservar” os índios num estágio cultural que a própria realidade do convívio torto já superou é ser reacionário —para usar o jargão de muitos dos defensores da idéia de parques nacionais refratários.

O modelo certamente mais justo e contemporâneo de convívio entre índios e mundo branco é o dos índios gavião, habitantes de florestas no Pará. Eles exploram a potencialidade econômica da reserva, da qual extraem as castanhas-do-pará. Vivem da venda desse produto no mercado internacional. Convivem e dialogam com importadores do mundo todo. São índios. Com toda a especificidade dessa cultura milenar. Mas nem por isso são peças de museu.

Paralelamente, têm preservada a integridade de sua propriedade: a reserva. Recebem todo o lucro da exploração de seus recursos naturais. São índios —e essa essência não desaparece nos vôos que fazem em modernos aviões ou no uso de tecnologia moderna. Nem mesmo desaparece a essência indígena porque eles vivem em casas modernas de alvenaria.

Para continuarem a viver altivos e até para que se defendam das possíveis agressões físicas econômicas ou culturais da sociedade abrangente, os índios têm que estar ao nível de riqueza econômica e de contemporaneidade tecnológica dos brancos.

Cabe ao governo brasileiro estancar a agressão atual e retirar os garimpeiros —cuja exploração aurífera se esvai em contrabando e todo tipo de transação incontrolável e invisível ao fisco, enriquecendo apenas indivíduos e não a nação. Assegurar em seguida a possibilidade de controle pelos índios de uma exploração moderna do ouro, administrando e usufruindo da retirada mecânica do minério, por exemplo.

É preciso dobrar, na questão indígena, tanto a voracidade branca —dos marginais da cultura, para quem a febre do ouro não respeita o meio ambiente (vide Serra Pelada) nem a vida— quanto os preservacionistas, para quem o índio só é índio quando está nu e em tabas, caçando com arco e flecha.